

Os misteriosos sobreviventes

Diga-me se destrói meu olhar, diga-me se meus olhos queimam mais que a fúria do tempo, mais que este espaço vazio em que os sonhos

[prometem suicídio,
e diga-me quem são aqueles na esquina,
que devoram minha cabeça, e escarram sobre meu cadáver, e riem quando cai a noite, e choram e gritam quando desgraçadamente amanhece e mentem vestindo a vida com a roupa de um

[fantasma,
diga-me quem são, e o que é isso que foge do ser como o cervo foge do caçador ao crepúsculo, o vago crepúsculo que se estende como planície infinita, desafiando qualquer horizonte, o vasto crepúsculo sem perspectiva que já é toda a vida...

mas, diga-me

quem são, apagados todos os sinais do céu e caída sobre a terra, uma vez mais, a lua, quando a noite já não pode chamar-se noite, e os homens se procuram cegos pela noite, quem, então, diga-me quem são, no ar sem tempo aqueles que chafurdam e cavam como porcos na planície sem sonhar com nada, e perguntam por mim e por eles quando nada resta para viver.

Leopoldo María Panero
[trad. Pedro Spigolon]

«A poesia de facto não serve para nada, não tem uma aplicação prática. Com a poesia não se faz uma mesa, não se constrói uma casa. Mas ela é absolutamente fundamental, porque, como toda a arte, assiste-lhe não o pragmatismo, mas o simbólico, e nós, humanos, precisamos do simbólico, que passa sempre pela nossa relação com os outros. Precisamos dele como precisamos de comer ou de dormir. Porque é sua a dimensão estética, mesmo quando fala do horror ou da crueldade. A poesia, tal como eu a concebo, faz-nos, acredito, melhores pessoas, porque nos move (podendo fazer-nos agir) – e nos comove.» Ana Luísa Amaral, 2019

fluxos fluxos fluxos

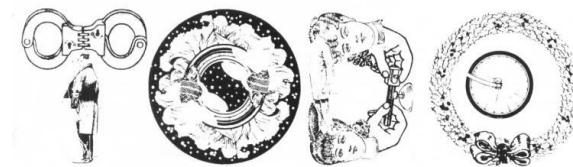
A editora Macondo, de Juiz de Fora, lança nas próximas semanas os primeiros volumes de **A Coleção**, série de livros que reunirá poetas portugueses atuais. *Ubi Sunt*, de Manuel de Freitas, e *Um quarto em Atenas*, de Tatiana Faia, puxam a fila, seguidos por *Antes da iluminação*, de Mariano Alejandro Ribeiro, *Inteira como um coice do universo*, de Cláudia R. Sampaio, e *Viveres*, de Miguel Cardoso. É possível fazer a assinatura e receber os livros em casa. | As traduções de **Bertolt Brecht** publicadas nesta edição fazem parte do volume que André Vallias está preparando para a coleção Signos, da editora Perspectiva, a sair no segundo semestre. | O número de estreia da revista **Meteoro**, da editora Corsário-Satã, tem 320 páginas de poesia, beleza e porrada. Não se esqueça: o lançamento será em 5/6, na Biblioteca Mário de Andrade. | O poeta **Heitor Ferraz Mello** tem publicado poemas e fotos de rara intensidade em seu perfil na rede social do Mark Zuckerberg: vem livro novo por aí? Tomara! | Já vai tomando nota aí: o **Vozes Versos** de junho será no dia 29, como sempre um sábado, às 11h, na Tapera Taperá, recebendo Ana Beatriz Domingues, Marcelo Ariel e Natasha Felix. | E em 12/6 tem **Passaporte: Literatura** no Instituto Goethe, recebendo Veronica Stigger. Claro, lembramos que é dia dos namorados, então sortearmos alguns exemplares de *Sombrio ermo turvo*, gentilmente cedidos pela editora Todavia, para os *conjes* que passarem por lá. | No dia 8/6, das 15h às 15h30, o **Expresso Poesia**, stand-up poético da Casa das Rosas recebe Marília Garcia. | No mesmo dia, acontece o **Bamba: encontro de zines**, no Ateliê 397 (r. prof. Gonzaga Duque, 148), das 14h às 20h. Organização de Bia Mantovani e Julia Bac. | Cola lá.

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | *periodicidade temperamental* | *tiragem improvável*
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: *leia, imprima, compartilhe* | obrigado

FLUXOS

edição três | maio de 2019



ES

POESIA
MENOS LA POESIA

Nicanor Parra
(Artefactos, 1972)

Em defesa própria

Alguns dizem que é
O indomável espírito mapuche
Quem se expressa através de meus atos
Essa é uma soberana mentira
Eu não me identifico por nada
Com nenhum dos bandos em disputa
Sou um humilde estuário nada mais
Um arroio pacífico
Turvo por fora
 mas cristalino por dentro
Não gosto de implicar com ninguém
Por maiores que sejam as ofensas
Aceito o lixo
Toda a bosta da população em silêncio
De vez em quando isso sim
Me disfarço de rio caudaloso
Para assustar os assustadiços
Então é um ranger de dentes
Me parece que estou em meu sagrado direito
De reclamar o que sempre foi meu
Ou não, o que me dizem?

Nicanor Parra
[trad. Heitor Ferraz Mello]

Antologia Palatina, 10.45

Caso te lembres, humano, de como o teu pai ao gerá-lo
te semeou, cessarás com toda tua arrogância.
Só que Platão sonhador te implantou ilusões de grandeza,
ao te chamar de imortal, planta provinda do céu.
Vindo do barro, por que pensas grande? Por essa maneira,
age somente quem quer dar-se aparência solene.
Eis a verdade, se queres ouvi-la: de licencioso
coito nasceste e a partir de um corrimento poluto.

Paladas de Alexandria
[Trad. Leonardo Antunes]

Aos anúncios do regime
Seguem como sombras
Os rumores.
Os governantes urram
O povo murmura.

[1936]

*

Em tempos de escuridão

Também há de se cantar?
Também há de se cantar:
Os tempos de escuridão.

[1939]

*

Este é o ano sobre o qual se vai falar
Este é o ano sobre o qual se vai calar.

Os velhos veem os jovens morrendo.
Os tolos veem os sábios morrendo.

A terra não dá mais nada, contudo engole.
O céu não jorra chuva, apenas ferro.

[1940]

Bertolt Brecht
[trad. André Vallias]

Descrito marinho

– na madrugada de outono
entre brilhantes folhas úmidas
a onda sonora se sacode como uma ave desperta

Sérgio Medeiros

não bebo café

nos encontramos antes
da bênção do chiste
graças aos nossos
largos passos
fugimos daquele *script*
mas eu ainda perguntava
da piada que não entendi

nós duas juntas
dava um filme:
two girls one cup
of tea

Bianca Gonçalves

Não trabalho com a inteligência
Nem com o pensamento
Mas também não uso a ignorância

Stela do Patrocínio

Figura

Adora o prato do dia dos botecos. Segunda, virado à paulista. Terça, dobradinha. Quarta, feijoada. Quinta, macarrão com frango. Sexta, peixe. Sábado, feijoada de novo. (No domingo sofre, trancado no quarto, lendo jornal.) Não que sobreviva à base dessa dieta. Em geral almoça em casa. Mas gosta de saber que ela existe. Que ao meio-dia de uma segunda-feira, por exemplo, milhares de bistecas acompanhadas de arroz, couve, tutu, torresmo e ovo são devoradas pela cidade. Diz que lhe dá uma sensação de ordem, de segurança, de que bem ou mal a coisa toda funciona, de que estamos juntos e no caminho certo.

Fabrício Corsaletti